UM SMARTPHONE NA MÃO E ALGUMAS IDEIAS NA CABEÇA: REPÓRTER LITERÁRIO EM AÇÃO

A SMARTPHONE IN THE HAND AND SOME IDEAS IN THE HEAD: REPÓRTER LITERÁRIO IN ACTION

Antonio Simões Menezes[*]
Elisama Vitória Leite da Silva[**]
Sara Isabelly Ribeiro Albuquerque[***]

Resumo: Imagine adolescentes ingressarem no universo literário por meio de suas próprias experimentações audiovisuais. Foi essa a experiência vivenciada, pelos estudantes do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, ao realizarem a cobertura jornalística da segunda edição da Feira Literária de Campina Grande (Flic). Batizada de Repórter Literário, a ação é fundamentada na perspectiva teórica transdisciplinar que imbrica educação e comunicação, a qual gera uma "comunicação educativa" (SOARES, 2000). Neste artigo, será relatada a criação, o desenvolvimento e os resultados dessa experiência, a partir do olhar dos integrantes do projeto Anti-horário. Este é um projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que foi convidado pela Flic para apresentar noções básicas de jornalismo aos adolescentes.
Palavras-chave: Educomunicação. Jornalismo. Cultura participativa.

Abstract: Imagine teenagers entering the literary universe through their audiovisual experimental experiences. This was the experience lived by the students of the 9th year of the Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, when they carried out the journalistic coverage of the second edition of the Feira Literária de Campina Grande (Flic). Called the Repórter Literário, an action based on the transdisciplinary theoretical perspective that teaches education and communication, one that generates "educational communication" (SOARES, 2000). In this article, it will be related to the creation, development and results of this experience, from the perspective of the members of the Anti-horário project. This is an extension project for the Journalism course at the Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), which was invited by Flic to exhibit the basics of journalism for teenagers.
Keywords: Educommunication. Journalism. Participatory culture.

Introdução

Um ambiente marcado por protagonismo estudantil, fomento e desenvolvimento da inteligência emocional, formação de laços sociais, elaboração de projetos inovadores. Essa visão idealizada da escola não representa fidedignamente o cotidiano da maior parte das instituições de ensino no Brasil. Em um país onde, em 2018, conforme dados do IBGE, 1,1 milhão de adolescentes de 15 a 17 anos de idade estavam fora da sala de aula, há a necessidade de avanços significativos para realizar o sonho de uma escola onde o ensino desperte o prazer de aprender dos estudantes.

Por acreditar que o jornalismo pode contribuir para a construção de uma escola, no mínimo, mais atrativa aos estudantes, foi desenvolvido ao longo de 2019 o projeto de Extensão "Maratona Anti-horário: narrativas motivadoras em escolas",

[*] Professor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Coordena o projeto Anti-horário e integra o Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (Mobjor/UEPB). E-mail: simoesmenezes@gmail.com
[**] Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba e bolsista do projeto Anti-horário. E-mail: elisamavitoriaa@gmail.com
[***] Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba e integrante do projeto Anti-horário. E-mail: saraisabellyribeiro@gmail.com

executado por estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Ele tinha o objetivo de apresentar, em escolas públicas de Ensino Médio, programas elaborados pelos estudantes de jornalismo da UEPB e promover o debate sobre gentileza e a arte como elemento de transformação social, além de estimular a produção de narrativas semelhantes pelos próprios secundaristas.

De certo modo, a proposta ampliava ações desenvolvidas pelo projeto Anti-horário, denominação mais utilizada para esse projeto de extensão, em escolas públicas de Campina Grande em 2018. Naquele ano, os estudantes de jornalismo foram convidados para construírem a oficina "Produção de Boas Notícias", que fazia parte da programação oficial da primeira edição da Feira Literária de Campina Grande (Flic), e tinha o objetivo de despertar o interesse dos jovens para a produção de notícias inspiradoras sobre o seu cotidiano. Além disso, no mesmo ano, algumas escolas públicas de Campina Grande também receberam exibições e debateram os vídeos[2] produzidos pelo projeto Anti-horário.

Com base nessas duas experiências, a proposta de um projeto de extensão voltado prioritariamente para as escolas foi criada. Enquanto eram desenvolvidas as primeiras estratégias para trabalhar com os jovens do Ensino Médio, a Flic voltou a surpreender: queria firmar nova parceria que capacitaria estudantes do Ensino Fundamental para realizarem a cobertura jornalística da Feira Literária de 2019. A equipe aceitou o desafio e, em uma iniciativa conjunta da Flic, da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação e do projeto Anti-horário, o Repórter Literário começou a ganhar forma.

No último tópico deste artigo, essa história será descrita com mais detalhes. Antes, porém, é necessário contextualizar, de forma sucinta, a perspectiva teórica transdisciplinar a imbricar educação e comunicação, a qual gera uma "comunicação educativa" (SOARES, 2000). O segundo tópico, será constituído por uma breve introdução à cultura participativa (JENKINS; FORD; GREEN, 2014), onde as pessoas querem produzir e publicar conteúdo e, para isso, se apropriam dos dispositivos digitais móveis e da internet.

2 Matizes pedagógicos do jornalismo

Não é raro os estudantes de jornalismo sonharem com uma oportunidade de emprego em um conglomerado midiático como a Globo ou, em âmbito local e regional, nas emissoras de TV afiliadas à Rede Globo. Porém, gradativamente, os jovens entendem que a prática do jornalismo não está restrita ao trabalho em uma empresa jornalística. Além de novas funções como *social media*, que impulsionam a perspectiva empreendedora na área, e das ocupações tradicionais como as assessorias de comunicação de organizações dos mais diversos setores da sociedade, os acadêmicos começam a perceber o potencial pedagógico da comunicação e, mais especificamente, do jornalismo.

Conforme Soares (2000), educação e comunicação foram inicialmente demarcados como espaços autônomos, contudo, no contexto latino-americano, esses campos foram sendo aproximados pelos trabalhos teóricos e práticos de filósofos da educação, como Paulo Freire, e de teóricos da comunicação, como Jesús Martín-Barbero.

[2] Os vídeos estão disponíveis no canal do projeto Anti-horário no YouTube https://www.youtube.com/channel/UC8p6r2rWo8ZPFzpmF6GtR_g

> Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressituados a partir de um projeto pedagógico mais amplo. (SOARES: 2000, p. 20)

Dessa forma, segundo Soares, a relação entre educação e comunicação é a chave para a constituição do campo da educomunicação. O autor defende que, nesse novo campo, a relação entre educação e comunicação é reconceitualizada e norteada para uma "educação cidadã emancipatória". A perspectiva transdisciplinar de áreas como comunicação e educação também é proposta por Morin como base para evitar o despedaçamento do saber. "Efetivamente, a inteligência, que só sabe separar, fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional" (MORIN: 2003, p. 14).

Ele critica a compartimentalização das ciências humanas e garante que essa divisão compromete o estudo da própria condição humana. "Tal como a fragmentação das ciências biológicas anula a noção de vida, a fragmentação das ciências humanas anula a noção de homem" (MORIN: 2003, p. 41). Por isso, argumenta em favor da convergência de todas as disciplinas, sejam das ciências naturais ou humanas para compreender, por exemplo, o que é o humano.

Nessa linha de pensamento, elas também devem ser acionadas conjuntamente em prol do desenvolvimento do processo de educação contemporânea. "Enfrentar a dificuldade da compreensão humana exigiria o recurso não a ensinamentos separados, mas a uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, psicólogo, sociólogo, historiador, escritor, que seria conjugada a uma iniciação à lucidez" (MORIN: 2003, p. 51). Afinal, o estudante não acessa o mundo de forma compartimentalizada e o processo de aprendizagem, que deve ser constituído pela experimentação protagonizada pelos alunos (PIAGET, 1975), será facilitado com uma abordagem transdisciplinar dos objetos estudados.

O projeto Repórter Literário tem em sua essência exatamente a prática transdisciplinar associada à construção do conhecimento pelos próprios estudantes. Adolescentes do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, da Rede Municipal de Campina Grande, por meio de vivências experimentais, foram capacitados para a produção de narrativas jornalísticas experimentais sobre a Flic. Uma experiência que é iniciada pela exibição de vídeos que desconstroem a lógica de um mundo caótico chancelado principalmente pelos produtos jornalísticos da mídia convencional ao contribuírem exponencialmente para a construção social da realidade.

> A aprendizagem da vida será realizada por duas vias, a interna e a externa. [...] A via externa seria a introdução ao conhecimento das mídias. Como as crianças são imersas, desde muito cedo, na cultura de mídia, televisão, videogames, anúncios publicitários etc; o papel do professor, em vez de denunciar, é tornar conhecidos os modos de produção dessa cultura. (MORIN: 2003. p. 77-78)

Nesse sentido, o projeto vai ao encontro de uma visão baseada na autonomia do estudante (FREIRE, 1996). Longe de focar em uma lógica na qual irá ser transmitida uma série de informações para os estudantes utilizarem posteriormente durante a fase

prática do projeto, os jovens são convidados, desde o primeiro encontro, a interagir com os ministrantes do curso e emitirem sua opinião sobre o conteúdo. Parte-se do pressuposto de que o adolescente já possui experiências com narrativas jornalísticas que não podem ser desconsideradas. "Por que não estabelecer uma 'intimidade' entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?" (FREIRE: 1996, p. 30)

A partir da instigação ao diálogo sobre os vídeos apresentados e à troca de saberes, objetiva-se a construção do conhecimento de forma conjunta sobre as lógicas de elaboração de produtos jornalísticos preponderantes na mídia convencional e como elas podem ser ressignificadas. Esse é um dos momentos de mostrar que novos projetos jornalísticos, com propósitos mais humanizados e de cunho educativo, por exemplo, podem nascer ali naquela sala de aula ou tomarem forma sob a influência das aspirações, ideias e habilidades dos próprios discentes.

> Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, assumindo a autoria também do conhecimento do objeto. O professor autoritário, que recusa escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação nesse momento de boniteza singular: o da afirmação do educando como sujeito do conhecimento. (FREIRE: 1996, p. 124-125).

Ao longo dessa formação, assim como nos cursos desenvolvidos em 2019 pelo projeto Anti-horário em escolas públicas do Ensino Médio de Campina Grande, há a intenção de oferecer noções elementares de conhecimentos jornalísticos, como produção de pauta e técnicas de entrevista e reportagem, para a apropriação dos estudantes. Essa proposta de intervenção pode ser compreendida na área educação para a comunicação proposta por Soares (2000), que indica como uma de suas vertentes "[...] projetos que se caracterizam por implementar procedimentos voltados para as apropriações dos meios e das linguagens da comunicação por parte das crianças e dos jovens" (SOARES: 2000, p. 22).

O objetivo do trabalho com os estudantes é capacitá-los para a produção de narrativas norteadas por princípios jornalísticos que contribuam para a exibição e, por consequência, fortalecimento de ações que demonstrem haver diversos agentes sociais empenhados na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Olhar que se contrapõem à lógica hegemônica na maioria dos programas jornalísticos, os quais são pautados pela exibição da violência nas suas mais diversas facetas. Prática que normalmente aumenta a sensação de insegurança na sociedade ou ajuda a banalizar a violência.

> A educomunicação pretende habilitar os cidadãos a exercerem seus direitos, principalmente aqueles que envolvem a liberdade de expressão e o acesso à informação, o que implica em, por meio de ações educativas, conscientizar as comunidades sobre o poder da articulação comunitária na sociedade e o papel da comunicação e do diálogo na construção de conhecimentos e na conquista de melhores condições de vida. Importante frisar que se fala aqui da comunicação interativa, dialógica e não daquela unilateral, praticada pela maior parte dos meios de comunicação de massa; da comunicação que promove o encontro entre diversos pensamentos,

> permitindo a negociação de ideias e a formação de um pensamento inovador, criativo; da comunicação que não se limita ao encontro presencial e nem se restringe ao verbal. (ALMEIDA: 2016, p. 6).

Assim, os estudantes, que podem se tornar agentes da transformação social por meio de suas produções simbólicas, são convidados a mostrar exatamente ações que semeiam um novo mundo, marcado pela solidariedade e justiça social, que já está em gestação. Vão no sentido anti-horário das rotinas produtivas da mídia *mainstream* e elaboram projetos inovadores, a partir de um olhar diferenciado sobre a realidade. No próximo tópico, será explicado como as tecnologias digitais, mais especificamente os dispositivos móveis, facilitam a produção de conteúdos pelos estudantes.

3 Abundância de informação e lacunas de conteúdo na cultura participativa

Desde abril de 2019, o Brasil conta com 230 milhões de celulares inteligentes (smartphones) em uso. Isso equivale a mais de um smartphone ativo por habitante. Esses aparelhos representam 54,7% de todos os dispositivos digitais existentes no País. Os dados foram revelados pela 30ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologia da Informação nas Empresas, realizada pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP).

Ainda de acordo com o estudo, coordenado pelo professor Fernando Meireles, os smartphones são responsáveis por uma ruptura digital acelerada. "O smartphone domina vários usos, como a interação com bancos e as mídias sociais"[3]. Entre os vários usos possíveis, a produção de notícias com smartphones passou a fazer parte do cotidiano dos jornalistas. A prática se consolida como um dos pilares do jornalismo móvel, que contribuiu para a reconfiguração das práticas jornalísticas no século XXI.

> Definimos, assim, na perspectiva da produção, o jornalismo móvel como a utilização de tecnolog ias móveis digitais e de conexões de redes sem fio pelo repórter na prática jornalística contemporânea visando ao desenvolvimento das etapas de apuração , produção e distribuição de conteúdos do campo ou de transmissão ao vivo (SILVA: 2013, p. 11).

A partir dessa nova realidade do campo jornalístico, a ideia de estimular os estudantes a efetuarem a cobertura audiovisual da Flic, baseada em noções básicas de jornalismo e com o uso de telefones inteligentes, parecia factível e oportuna. Afinal, com a quebra do monopólio de emissão (LEMOS; LÉVY, 2010), o cidadão cada vez mais deixa de ser apenas um consumidor de informação e passa a produzir o seu próprio conteúdo, que é difundido pelas redes sociais e têm o potencial de atingir até mesmo milhões de pessoas em todo o mundo.

> Os produtores de conteúdo audiovisual não têm obrigação de ter ou de obter uma formação na área audiovisual, podendo ter pouco conhecimento técnico sobre o processo de trabalho dos profissionais envolvidos em produções de vídeo ou, em oposição a isso, já serem profissionais do meio audiovisual, mas que

[3] Disponível em https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesti2019fgvciappt_2019.pdf. Acesso em: 27 Jan 2020.

> encontram no YouTube um espaço para divulgação de seu trabalho ou para desfrutarem de uma liberdade criativa. Começamos a compreender que o perfil desse produtor de conteúdo audiovisual é diverso, dinâmico e mutável (BERNADAZZI; COSTA: 2017, p. 148).

É uma geração que vivencia a cultura participativa (JENKINS; FORD; GREEN, 2014). Crianças, adolescentes e adultos se apropriam dos dispositivos digitais, cada vez mais baratos e acessíveis, e da internet, dia a dia com mais pessoas conectadas, para apresentarem novos olhares e perspectivas sobre a realidade. Parafraseando Glauber Rocha, com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça, eles redesenham o mercado audiovisual em todo o mundo. Conforme a Forbes[4], em 2019, os dez produtores de vídeos ("YouTubers"), que mais lucraram, conseguiram arrecadar juntos US$ 162 milhões. Entre esses dez, quem menos ganhou dinheiro obteve US$ 11,5 milhões e teve 1,5 bilhão de visualizações de seus vídeos.

Porém, obviamente, poucas pessoas atingem essas cifras milionárias. A maior parte dos produtores de conteúdo quer é visibilidade para as suas narrativas. Nesse caso, o ganho é mais no campo simbólico, embora, gradativamente, possa ser revertido também em capital financeiro. Na verdade, há a busca, algumas vezes, diuturna por ser visto e ouvido em um cenário marcado pela abundância de informação. Conforme o YouTube[5], 1 bilhão de horas de vídeos são consumidos diariamente na plataforma.

Apesar dessa magnitude de dados disponíveis a qualquer hora e lugar para quem tem um dispositivo digital móvel conectado à internet, ainda existem lacunas que precisam ser ocupadas no ciberespaço.

> Vemos a cultura participativa como uma expressão relativa: em muitos lugares, a cultura é mais participativa agora do que quando vigoravam os regimes antigos do poder da mídia. Apesar disso, ainda estamos longe de alcançar algo que se assemelhe a uma participação plena. (JENKINS; FORD; GREEN: 2014, p. 64).

Por isso, é importante estimular a apropriação e usos inovadores desses dispositivos digitais e da internet pelos estudantes de escolas públicas de Campina Grande. Em 2019, o projeto Anti-horário promoveu três oficinas de Jornalismo Móvel voltadas para alunos do último ano do Ensino Médio dessas instituições. No total, foram capacitados 111 adolescentes com técnicas básicas de jornalismo e produção de conteúdos audiovisuais. Além do referencial teórico, eles eram convidados a construírem vídeos de até um minuto, produzidos com seus smartphones.

O formato e o tempo dos vídeos deveriam ser compatíveis para a publicação no Instagram. A temática das narrativas foi definida para ajudar a desconstruir o processo de estigmatização das áreas urbanas em que esses estudantes moram, as quais costumam virar notícia na mídia hegemônica apenas quando são alvo de um acontecimento violento. Em síntese, eles tinham o desafio de apresentar as histórias inspiradoras do seu cotidiano. Dessa forma, seria possível operar na construção social da realidade marcada por exemplos de fraternidade, altruísmo, solidariedade, inclusão, entre outros temas que demonstram um novo mundo em gestação.

[4] Disponível em: https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Mundo-digital/noticia/2019/12/os-youtubers-que-mais-faturaram-no-mundo-em-2019.html. Acesso em: 28 Jan 2020.
[5] Disponível em: https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/press/. Acesso em: 28 Jan 2020.

A experiência foi inspirada em uma parceria celebrada com a Flic em 2018. Na época, o projeto Anti-horário consistia em produzir narrativas inspiradoras e publicá-las em várias plataformas na internet. Os organizadores da feira literária gostaram da ideia e convidaram a equipe do Anti-horário para ministrar a "Oficina de Produção de Boas Notícias", que integrou a programação da primeira edição do evento. A experiência foi muito enriquecedora para a equipe do Anti-horário, a qual percebeu o potencial educacional da comunicação, e para os estudantes, que aprenderam noções básicas de jornalismo.

Desde então, ficou decidido que o projeto Anti-horário, em 2019, iria desenvolver uma ação de formação nas escolas públicas de Campina Grande. Quando esse novo trabalho estava em execução, Samelly Xavier, uma das fundadoras e coordenadoras da Flic, propôs firmar uma parceria com o Anti-horário para capacitar estudantes do Ensino Fundamental que, após passarem pelo treinamento, iriam fazer uma cobertura da Flic. Os estudantes exerceriam a função de repórteres e produziriam conteúdo audiovisual sobre o evento. Essa era a essência do projeto Repórteres Literários.

A proposta foi aceita. Ela também se adequava à tendência, vista anteriormente, de produção de conteúdo pela audiência. "O conteúdo gerado por cidadãos em um mundo globalmente conectado pode ter um papel central para complementar o conteúdo jornalístico e midiático produzido profissionalmente" (PAVLIK: 2014, p. 159). O autor ressalta que, no atual ecossistema midiático caracterizado pela ubiquidade[6], o acesso à internet se populariza e um número maior de cidadãos pode produzir conteúdo compartilhados e distribuídos em escala global.

Conforme Rodrigues e Aguiar (2015), essa comunicação em rede viabiliza a produção de notícias por cidadãos. Lembram que episódios como o ataque às torres gêmeas do World Trade Center, o furacão Katrina, tsunami na Indonésia e o terremoto ocorrido em Fukushima, foram registrados pela população e a maioria das imagens dos 20 vídeos mais assistidos desses acontecimentos são gravações de pessoas que não são jornalistas.

> Dentro do campo aberto pela Comunicação Mediada por Computador (CMC), o jornalismo praticado pelo cidadão vai desde uma simples colaboração ao protagonismo da produção de informação. Dan Gilmor, autor do livro "We The Media", alerta para o fato de que nem toda mídia cidadã faz jornalismo cidadão. São estas singularidades entre as práticas adotadas na web que resultam em uma proliferação de rótulos. O leque de denominações engloba jornalismo participativo, jornalismo público, jornalismo cívico, mídia tática ou radical, jornalismo open source ou colaborativo e midialivrismo (que deriva do ativismo digital). (RODRIGUES; AGUIAR: 2015, p. 2)

Longe de querer debater todas essas taxonomias, elas aparecem aqui apenas para tentar demonstrar a dimensão desse tipo de produção midiática, a qual demandou de pesquisadores do campo da comunicação e demais disciplinas das Ciências Sociais

[6] "No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global". (PAVLIK, 2014: p. 160).

Aplicadas diversos estudos científicos. Eles têm em comum o objetivo de compreender as lógicas de elaboração de conteúdo por pessoas que não exercem o jornalismo profissionalmente e usam principalmente dispositivos digitais móveis para contar histórias na internet.

É nesse contexto de efervescência de narrativas produzidas pelo cidadão comum que surgiu o Repórter Literário. Ele tem como um dos objetivos principais tornar os estudantes, no Ensino Fundamental, produtores de conteúdo audiovisual elaborado com smartphones. No decorrer do próximo tópico, será apresentada, de forma sintética, a criação, desenvolvimento e resultados alcançados pelo projeto Repórter Literário.

4 Experimentações narrativas na Flic

A partir da percepção da comunicação ser um dos elementos constitutivos das relações sociais nos mais diversos âmbitos e do crescimento do envolvimento das pessoas, desde a mais tenra idade, com a comunicação mediada por dispositivos digitais, parece ser natural levar os alunos a debaterem essas temáticas e tornarem-se produtores de conteúdo digital. De certa forma, essas ideias da educomunicadora Iasmin Mendes, uma das fundadoras e coordenadora da Flic, são a base teórica elementar para a criação do projeto Repórter Literário.

> A gente vê as questões, por exemplo, de *Fake News* que aqui no Brasil são tão recorrentes, mas também outras questões como os monopólios comunicativos etc. E aí a sociedade precisa ser preparada para lidar com isso, principalmente as nossas crianças e os nossos jovens. Então a importância de usar a comunicação na sala de aula é para que nossos alunos realmente cresçam como cidadãos críticos e como cidadãos que não apenas consomem comunicação, mas que também produzem comunicação[7].

Iasmin junto com Samelly tiveram o insight de transformar alunos do Ensino Fundamental em repórteres cidadãos da Flic. Em seguida, partiram em busca de parceiros para viabilizar o projeto. A professora Nágida Maria da Silva Paiva, que já trabalhava com as coordenadoras da Feira Literária, se interessou pela proposta e disse que topava desenvolver o projeto com os estudantes de uma de suas turmas do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, localizada no bairro do Catolé, em Campina Grande. A formação desses 22 adolescentes ficou sob a responsabilidade da equipe do Anti-horário, que já havia desenvolvido uma ação semelhante na primeira edição da Flic.

Porém, desta vez, além de construir e ministrar a oficina de Jornalismo Móvel, os estudantes do curso de Jornalismo deveriam acompanhar os estudantes ao longo da cobertura jornalística da segunda edição do evento. Assim, poderiam debater e, se necessário, ajustar as pautas *in loco* com os estudantes. Também passariam mais segurança aos repórteres, já que estariam ali para dirimir qualquer dúvida e reforçar os conhecimentos construídos conjuntamente ao longo da oficina. Outra atribuição nova para a equipe seria a edição de todo o material produzido pelos adolescentes. A meta era que, ao final da Feira Literária, os vídeos estariam prontos para a publicação nas redes

[7] Trecho de entrevista concedida, via WhatsApp, por Iasmin Mendes aos pesquisadores no dia 24 de janeiro de 2019.

sociais da Flic. Enfim, era um desafio que demandaria cerca de dois meses de trabalho.

Depois de todas as atribuições definidas, a equipe do Anti-horário iniciou o planejamento da oficina de Jornalismo Móvel voltada para os estudantes do Ensino Fundamental. O objetivo do treinamento era abordar teoria e prática da produção de narrativas jornalísticas audiovisuais com uso de smartphones, além de demais conhecimentos acerca de produção de pautas, técnicas de entrevista e reportagem, captação de áudio, gravação de imagens, aplicativos apropriados pelos jornalistas e edição de vídeos.

A principal alteração, em relação ao curso ofertado para alunos do Ensino Médio e que objetiva estimular a apropriação dos dispositivos móveis para a produção de narrativas inspiradoras e tornar esses jovens agentes de transformação social em suas comunidades, foi conceber essa vivência, na medida do possível, ainda mais prática e interativa. Outra mudança foi tentar associar, sempre que possível, o conteúdo do curso com o contexto da Feira Literária. Para melhor rendimento por parte dos alunos, o treinamento ocorreu ao longo de três encontros.

No primeiro, em 25 de outubro de 2019, os integrantes do Anti-horário abriram a oficina apresentando o projeto e, com o intuito de começar a dar voz aos alunos, perguntaram se alguém tinha interesse em fazer jornalismo. Nenhum dos futuros integrantes do Repórter Literário demonstrou vontade em ingressar nessa área. Como estratégia de despertar o interesse dos adolescentes, pelo menos, para as funções que provavelmente iriam desenvolver ao longo da Flic, as várias possibilidades de atuação na carreira jornalística foram explicadas.

À medida que estudantes estavam se familiarizando com o cotidiano de um jornalista, as noções elementares do jornalismo foram trabalhadas. Primeiramente, foram debatidos os fundamentos do processo de produção de conteúdo, com ênfase à elaboração da pauta[8]. Falou-se sobre a importância e utilidade que a pauta tem para o jornalista e como ela deve ser construída. Diante disso, elencaram quais são os elementos que a compõe. Cada um foi explicado de forma específica, havendo espaço para que os alunos interagissem e também tirassem dúvidas.

Nesse encontro, ainda foram explicadas técnicas de entrevista e reportagem e dicas preliminares de captação de imagem e som. Elas eram necessárias para facilitar a execução da atividade proposta para os estudantes sobre o conteúdo debatido. Eles deveriam elaborar uma pauta. O objetivo era facilitar a fixação do conhecimento construído coletivamente ao longo daquela tarde de troca de ideias em sala de aula (Fig. 1), onde os integrantes do Anti-horário aprenderam bastante em uma rica experiência de educomunicação.

[8] "É o primeiro roteiro para a produção de textos jornalísticos e material iconográfico. Deve conter sempre uma hipótese a ser confirmada ou refutada, uma questão principal a ser respondida. Já a partir da pauta é possível prever títulos prováveis. A pauta não deve ser só uma agenda. Precisa se preocupar em levantar enfoques diferenciados sobre os temas, buscar ângulos novos de abordagem, mostrar agilidade na identificação de novas tendências. É recomendável que a pauta tenha entre seus objetivos prestar um serviço ao leitor, de forma que o produto final seja útil para a vida prática de quem lê". Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_p.htm Acesso em: 5 Fev 2020.



Fig. 1: Estudantes acompanham a apresentação do projeto Repórter Literário. Fonte: dados dos autores

Cinco dias depois, a equipe do Anti-horário retomou a capacitação com uma rápida revisão dos conceitos básicos que haviam sido debatidos. Em seguida, os estudantes foram desafiados a sugerir pautas que não ficariam apenas no papel. Agora, elas seriam executadas, por eles, ali mesmo, durante aquela tarde, na escola. Eles gostaram da ideia e voltaram a trabalhar em equipe. Após a construção e apresentação das sugestões de pautas, discutiu-se sobre quais encaminhamentos seriam dados às pautas.

O passo seguinte era começar a execução da apuração das informações que iriam compor a primeira narrativa jornalística daqueles jovens. Para isso, eles deixaram a sala de aula e, com seus smartphones em mãos, percorreram a escola em busca de pessoas para entrevistar (Fig. 2), cenários para as gravações e informações para compor o texto a ser gravado. Ou seja, durante este processo, os estudantes puderam vivenciar situações da prática jornalística, como a entrevista, a busca pelo melhor ângulo para captação da imagem e a habilidade de transmitir informação.



Fig. 2: Alunos praticam técnicas de entrevista. Fonte: dados dos autores

Cada grupo foi acompanhado por um integrante do Anti-Horário. Era uma

forma de simular o trabalho em equipe, sob a supervisão de um estudante de jornalismo, que seria desenvolvido na cobertura da Flic. Todas essas atividades na escola eram coordenadas pela professora Nágida Paiva e contou com o suporte de uma das idealizadoras da Flic, Carla Mendes, e de Bruno Oliveira, voluntário da Flic. Após o momento de prática, os alunos contaram as dificuldades e conquistas experimentadas no decorrer do processo criativo.

O resultado da atividade foi avaliado e comemorado pela equipe do Anti-horário que destacou o empenho e agradeceu a parceria efetuada com os estudantes para o desenvolvimento daquela prática. Em seguida, os certificados de participação na oficina emitidos pela Flic foram entregues aos alunos, apesar de ainda estar programado um último encontro. Porém, ele era para planejar a cobertura da Flic e nem todos os estudantes optaram por participar desse momento.

Nesta etapa de preparação para a atuação como repórter literário da Flic, 18 estudantes fizeram um rápido relato sobre os conceitos e técnicas aprendidas nas atividades práticas nos encontros anteriores. Sem dúvidas, todos estavam aptos para encarar o desafio e, como costuma ocorrer em uma redação jornalística, foram definidas as equipes e seus respectivos supervisores (integrantes do Anti-horário) e criada uma escala de trabalho, de acordo com a disponibilidade dos alunos para a cobertura.

Os assuntos, que seriam abordados nas narrativas, foram selecionados com base na programação do evento. Os dias de cobertura foram divididos em três momentos: a noite de abertura, segunda tarde do evento e a manhã do encerramento da Flic. Cada grupo, formado por três ou quatro alunos, estava responsável por uma pauta. Mas ficou claro que novas pautas poderiam surgir ao longo do evento, conforme o acompanhamento da programação *in loco* pelos repórteres.

Os integrantes do Anti-horário apresentavam sugestões de temas e os alunos colaboravam dando ideias de como as pautas poderiam ser desenvolvidas. Com as equipes devidamente pautadas, internamente cada grupo definiu as funções a serem exercidas por seus membros. Era a hora de descobrir quem tinha mais interesse em ser produtor, repórter ou cinegrafista.

Todos trabalhariam em uma perspectiva de jornalismo móvel e usariam os seus próprios smartphones para a produção do conteúdo. A falta de equipamentos como microfones de lapela, por exemplo, era apenas mais um desafio a ser superado. Embora tudo, na medida do possível, estivesse preparado para o início da cobertura da Flic, que ocorreria de 14 a 17 de novembro de 2019, um grupo no WhatsApp foi criado para tirar dúvidas sobre a cobertura e passar informações adicionais sobre o evento.

No momento da execução das atividades, ficou evidente a importância da divisão de tarefas entre os alunos, tendo em vista que cada um deles assumiu uma posição da área jornalística como produtor, repórter ou cinegrafista, ao mesmo tempo em que auxiliavam-se mutuamente. Os grupos, acompanhados por integrantes do Anti-horário, saíram simultaneamente pelo evento, identificando-se como participantes do projeto Repórter Literário e realizando as entrevistas (Fig. 3).

Os estudantes de jornalismo estavam sempre atentos para oferecer o suporte necessário à realização do trabalho. Eles lembravam, por exemplo, questões técnicas que garantiriam a qualidade da narrativa que estava sendo construída, tais como enquadramento, iluminação e captação de áudio. Eles também passavam rápidas orientações sobre o enfoque a ser seguido durante as entrevistas e dicas de como solicitar informações às fontes necessárias para produção do conteúdo.

Assim como já havia ocorrido nos momentos de práticas da Oficina de Jornalismo Móvel, a apuração de dados e gravação de entrevistas foi realizada com o

auxílio dos smartphones dos próprios participantes do projeto Repórter Literário. Mesmo já familiarizados com os equipamentos e seguros para exercer a função de repórter, não faltaram, como ocorre na maior parte das coberturas jornalísticas, imprevistos. Problemas técnicos nos equipamentos e nervosismo do repórter, que dificultava a execução do seu trabalho, foram alguns contratempos dessa primeira experiência jornalística dos adolescentes.

Mas, obviamente, houve momentos valiosos de trocas de conhecimentos, em que eles tiveram a oportunidade de aprender e conhecer mais sobre literatura, além do contato com alguns dos grandes escritores regionais. Puderam presenciar ações, projetos e várias manifestações artísticas de grande relevância, às quais os encantaram e os deixaram bem contentes. A estudante Nátaly Batista, 14 anos de idade, afirma que a cobertura da Flic foi "incrível! Uma das melhores experiências que já tive. Foi essencial para o meu crescimento"[9]. Ela ainda ressaltou que a cobertura lhe ajudou a ter mais responsabilidade e aprender a trabalhar em equipe, além de se tornar mais comunicativa.



Fig. 3: Nátaly Batista fazendo uma entrevista na Flic em 2019. Fonte: dados dos autores

A aluna Viviane Costa, 14 anos de idade, é outra a assegurar que a participação na cobertura da Flic foi uma experiência interessante. "Querendo ou não é uma forma de perder a timidez e aprender a se comunicar melhor com as pessoas"[10]. Ela afirma que, embora nunca tenha se interessado por jornalismo, acabou gostando muito das atividades desempenhadas. Porém, mesmo salientado que todo aprendizado é válido, acha que não irá seguir por essa carreira profissional. Já a aluna Aysha Chaves, 16 anos de idade, disse que, a partir do trabalho realizado na Flic, passou a se interessar mais por jornalismo e prática lhe ajudou a escolher um curso a fazer na universidade: provavelmente jornalismo.

[9] Trecho de entrevista concedida, via WhatsApp, por Nátaly Batista aos pesquisadores no dia 24 de janeiro de 2019.
[10] Trecho de entrevista concedida, via WhatsApp, por Viviane Costa aos pesquisadores no dia 24 de janeiro de 2019.



Fig. 4: Integrantes do Anti-horário (as três primeiras pessoas de baixo para cima) e os repórteres literário posam para foto após cobertura da Flic. Fonte: dados dos autores

Após informações apuradas, entrevistas realizadas, vídeos gravados, enfim com as pautas cumpridas, o trabalho de campo foi finalizado (Fig. 4). Chegava o momento da edição de todo o material produzido pelos adolescentes. Eles deveriam encaminhar os arquivos (vídeo, textos, fotos) para os integrantes do Anti-horário realizarem a edição. O processo de edição foi iniciado a partir da sincronização do áudio e vídeo que foram gravados em equipamentos diferentes. As entrevistas foram mantidas na íntegra, sem cortes. O objetivo era manter as perguntas do repórter e respostas do entrevistado intocadas, já que eram vídeos curtos com cerca de um minuto.



Fig. 5: Print do vídeo pronto para ser publicado nas redes sociais da Flic. Fonte: dados dos autores

Yago Paolo da equipe do Anti-horário, com base no material gravado pelos estudantes, iniciou a criação da vinheta do 'Repórter Literário'. No processo de construção da vinheta foram utilizadas imagens capturadas no Parque da Criança, local do encerramento da segunda edição da Flic, tendo como foco a faixa do evento e diversos livros que estavam expostos. Além das imagens, foi acrescentada uma música de fundo na intenção de assemelhar-se às vinhetas jornalísticas. Também foram incluídas a logo do Repórter Literário, da Flic e do projeto Anti-horário. Após a conclusão de toda a edição, os vídeos finalizados (Fig. 5) foram entregues aos parceiros da Flic para a publicação nas redes sociais da Feira Literária de Campina Grande.

Infelizmente, apenas duas narrativas foram concluídas, desde a produção da pauta até a edição, pois nem todas as equipes de reportagem conseguiram enviar os arquivos para a edição.

Considerações finais

O sonho de contribuir com o despertar de uma visão crítica e cidadã do mundo em adolescentes de escolas públicas de Campina Grande. Esta, conforme Iasmin Mendes, é a síntese do Repórter Literário. Uma ação que, assim como o projeto Anti-horário, combina sala de aula, noções de jornalismo, atividades de campo, apropriações e usos culturais de dispositivos digitais móveis e da própria internet na tentativa de evidenciar aos adolescentes que eles podem e devem ser ouvidos, por meio de produções de bens simbólicos, pela sociedade.

Embora possa parecer que todo o projeto é focado para a cobertura de um evento cultural específico, as vivências realizadas e o conhecimento construído coletivamente têm o potencial de instigar o protagonismo social nesses jovens e fomentar o gosto pela leitura, escrita e elaboração de narrativas audiovisuais. Estas podem ser usadas, por exemplo, em outras atividades discentes dos adolescentes, melhorando o seu desempenho escolar e apresentando novas possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem.

De todo modo, a experiência de acompanhar, registar e narrar um evento cultural como a Flic já valeria todo o esforço investido pelos adolescentes nesse projeto. Estratégias foram criadas para gerar proximidade entre os estudantes e a proposta do Repórter Literário. Na Oficina de Jornalismo Móvel foi demonstrado o quanto a produção de conteúdo audiovisual estava presente no cotidiano deles. Ou seja, eles já dominavam vários conhecimentos que seriam apenas ressignificados para o uso em um novo desafio, que pretendia ajudá-los em uma jornada de crescimento pessoal.

> Cada um deles vem de um contexto específico que a gente muitas vezes desconhece e vai conhecendo. Mas, a questão é que eles tinham determinada leitura de mundo e a partir do momento em que eles conhecem o escritor que vem de outra cidade, que eles conhecem outros alunos, que eles conhecem professores, que eles conhecem artistas, essa leitura de mundo se amplia. Eu acho que a educação é sobretudo o aumento de uma leitura de mundo nesses alunos para que eles tenham mais perspectivas do que fazer no futuro, independente de ser relacionado à comunicação ou não[11].

O conteúdo produzido pelos repórteres literários e encaminhado para a publicação revela que ajustes precisam ser efetuados nas rotinas de produção da cobertura da Flic. Talvez, o uso de dispositivos digitais móveis dos próprios integrantes do Anti-horário ou disponibilizados pela Flic possa assegurar que os arquivos cheguem efetivamente à edição. Outra sugestão é a criação de uma pequena redação para o projeto Repórter Literário, local em que os estudantes poderiam finalizar textos e, pelo menos, editar imagens e vídeos. Com essa estrutura é viável até sonhar com uma cobertura factual do evento.

Contudo, sem dúvida, o mais importante nesse projeto é a oportunidade que os

[11] Trecho de entrevista concedida, via WhatsApp, por Iasmin Mendes aos pesquisadores no dia 24 de janeiro de 2019.

alunos têm de ampliarem suas habilidades sociais, aumentarem sua cultura geral e desenvolverem novas perspectivas de consumo e produções midiáticas. Resultado de uma efetiva e frutífera parceria firmada entre a sociedade civil organizada, a escola e a academia, que busca contribuir com a melhoria das práticas educativas na cidade de Campina Grande.

Referências

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. Projetos de intervenção em educomunicação. Disponível em: http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as___reas_de_interven____o_da_educo/1. Acesso em: 21 dez. 2019.

BERNADAZZI, Rafaela; COSTA, Maria Helena Braga e Vaz. Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual. Revista Communicare. v. 17, Edição especial, p. 146-160, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JENKINS, Henry.; GREEN, Joshua.; FORD, Sam. **Cultura da conexão:** Criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. – 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PAVLIK, John V. **Ubiquidade**: o 7º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo:** 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014, p. 159-184.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? – 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/Unesco, 1975.

RODRIGUES, Cláudia; LEONEL, Aguiar. Práticas de Jornalismo Amador em Plataformas interativas: uma revisão bibliográfica. In: XXXVIII Congresso Brasileiros de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: um campo de mediações. Comunicação & Educação, set./dez. p. 12-24, 2000.

Recebido em 20 de janeiro de 2020
Aceito em 23 de fevereiro de 2020